

**Lendo histórias daquelas que leem destinos:
Imaginário e trajetória de Mulheres Cartomantes na Literatura Brasileira**

**Leyendo historias de quienes leen destinos:
Imaginario y trayectoria de las mujeres adivinas en la literatura brasileña.**

Dayane Ferreira da Silva

Universidade do Estado do Pará - UEPA
Ananindeua/PA – Brasil

Taissa Tavernard de Luca

Universidade do Estado do Pará - UEPA
Belém/PA - Brasil

Resumo

Este artigo visa analisar a presença de mulheres cartomantes na literatura brasileira, refletindo tal aparecimento em obras literárias em relação à trajetória da cartomancia em períodos da história nacional. Para tanto, elegeu-se as obras de Machado de Assis, 1888; Lima Barreto, 1910; e Clarice Lispector, 1977. O objetivo é a observância de tais narrativas, enquanto propagação de imaginários que circundam as cartomantes e a prática da cartomancia ainda nos dias atuais. Além disso, propõe-se a discussão de estigmas sociais de gênero, religiosidades, valores e simbolismos, contextualizando a partir do estudo, a representação da mulher cartomante mitificada na sociedade.

Palavras-chave: Cartomantes; Literatura; Imaginário.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la presencia de mujeres adivinas en la literatura brasileña, reflejando esta aparición en obras literarias en relación con la trayectoria de la cartomancia en períodos de la historia brasileña. Para ello se eligieron las obras de Machado de Assis, 1888, Lima Barreto, 1910 y Clarice Lispector, 1977. El objetivo es la observancia de tales narrativas, propagando al mismo tiempo imaginarios que rodean a las adivinas y la práctica de la cartomancia aún hoy. Además, se propone discutir estigmas sociales de género, religiosidad, valores y simbolismos, contextualizando, desde el estudio, la representación de la mitificada adivina en la sociedad.

Palabras clave: Adivinas; Literatura; Imaginario.

As Mulheres Cartomantes na Literatura

Iniciar este estudo sobre a atuação de mulheres cartomantes no Brasil foi um processo que tornou perceptível a frequente menção destas no painel histórico da literatura nacional. A presença das cartomantes em contexto literário, foi notada como fator que revela a expressividade desta temática no imaginário popular brasileiro.

Reconhecendo o saber da literatura como um panorama que oferta aspectos e elementos não pertencentes unicamente ao ficcional, mas também como registros substanciais de cada tempo, torna-se indispensável a contribuição desta para aferição de contextos históricos e quiçá contemporâneos. Usa-se, portanto, a literatura como parte de registro historiográfico.

Assim, ao me debruçar sobre a historiografia literária acerca do tema, busco avizinhar-me de narrativas em confluência ao estudo histórico e etnográfico. São três obras, de diferentes autores e épocas, um conto de Machado de Assis, um conto de Lima Barreto e um romance de Clarice Lispector.

Por meio de análise, o que cogita este artigo, é investigar a construção de um imaginário que rodeia a representação desta prática e das mulheres que a realizam, na perspectiva de um estudo guiado em apontar fatores, consultando para tanto agentes que intermediam o tema investigado. Ademais, este direcionamento oportunizou refletir sobre aspectos das representações das cartomantes, do imaginário popular que as ronda, perpassado e constituído por diversas linguagens, tais como, obras de arte e obras de audiovisual, e, claro, diversos contextos culturais e históricos que difundem e ressoam estigmas, configurando estereótipos ainda na atualidade.

A cartomante do Bruxo Machado

O imaginário construído em torno das mulheres que leem cartas como prática oracular no Brasil é de tal modo pungente, que tem presença cativa em narrativas de grandes escritores de nossa literatura, intuindo-se que em parte deriva certamente dessas representações na literatura, narrativas que se entremeiam em enredos ora imbuídos em superstições, ora justamente na desconstrução de paradigmas.

Em 1884, o conto *A Cartomante* foi publicado por Machado de Assis, apresentando um triângulo amoroso, no qual duas das personagens acabam por recorrer aos serviços da cartomancia para obter respostas e orientação. A leitura de cartas é ofertada por uma mulher que se diz italiana, a narrativa propõe discussões acerca de

crenças e descrenças em superstições, e de que modo a leitura oracular e suas promessas de elucidação conduzem as atitudes das personagens na trama.

No conto, a cartomante fica em segundo plano na história, os protagonistas são os amigos de infância, Camilo e Vilela, e Rita, esposa de Vilela. Após um período de aproximação, Rita e Camilo se envolvem em um caso extraconjugal. O amante passa a receber cartas que revelam o conhecimento de seu segredo, o que o leva à decisão de afastar-se do casal. Em paralelo, Rita consulta uma cartomante para obter respostas quanto aos sentimentos de Camilo por ela. A cartomante, então, é um fio condutor determinante da narrativa.

Decorre que Camilo recebe uma carta de Vilela, chamando-o à sua casa com urgência. Ao tomar a estrada, o acaso o oferece à cartomante, a mesma que atendeu Rita; ele, aflito e ansioso com o que poderia acontecer no encontro com o amigo traído, acaba por se convencer a consultá-la. Ela, persuasiva, desde o princípio lhe convence de seus atributos, atenuando toda sua rigidez para com assuntos de mistérios. Camilo, que é apresentado como alguém que preza a perspectiva de mundo através do olhar racional, passa a crer na cartomante, especialmente quando esta revela que não tema seu encontro com Vilela, fazendo com que Camilo recobre a alegria de que não mais dispunha, sendo extremamente generoso, pagando mais do que ela cobrava. A predição, no entanto, logo à frente se revela como engano, quando descobre não só a morte de Rita pelas mãos de Vilela, mas também a sua.

O conto machadiano carrega aspectos familiares à estilística do autor, os temas de ciúme e infidelidade, a dissimulação que reserva a suas personagens mulheres, comumente escrevendo-as como manipuladoras. Nesta narrativa as duas mulheres, Rita e a cartomante em algum momento demonstram estas características. Outro ponto que convém comentar, é que Machado constrói na narrativa seu pensamento cético diante de questões que versam sobre espiritualidade, atribuindo à cartomante indicativos de ilusão.

Há quem suponha, que a escolha de Machado ao intitular o conto de *A Cartomante* seja tão somente um aceno de que é ela que está a mexer as cartas, não só as cartas do oráculo, mas as cartas que anunciam e revelam o segredo dos amantes ao marido, posicionando assim a reflexão e a opinião do autor quanto a predição. Terminando sem mais pistas, a narrativa faz com que nos contentemos com isso, o mistério ou a realidade.

Cabe citar que Machado, conhecido como “Bruxo do Cosme Velho”, configura-se como o escritor mais determinante do Realismo¹⁹ no Brasil, em verdade, foi o principal difusor

¹⁹ O Realismo é um movimento artístico surgido na Europa e que chega ao Brasil em 1881, o país passava pelo processo de abolição da escravidão, consolidada em 1888.

deste movimento no campo literário e artístico, surgido como contraposição ao Romantismo²⁰, nos finais do século XIX.

Em suas características matrizes, o Realismo privilegia a objetividade dos fatos, de modo a subtrair idealizações que mais não contribuíssem a uma perspectiva fiel e crua da sociedade. Desta maneira, pode-se aferir que na obra machadiana, o aparecimento desta personagem alude à presença das cartomantes no cotidiano histórico da sociedade da elite carioca.

De acordo com Maia (2020) em seu artigo, “Mercadoras do Sobrenatural: Um estudo sobre mulheres cartomantes no Rio de Janeiro Imperial” (1860-1869), ambientado na capital carioca, em período histórico semelhante ao qual o conto se passa, a historiadora aponta para um cenário fértil, no qual as cartomantes utilizavam de publicidade nos periódicos jornalísticos da época oitocentista para anunciar seus serviços, com aspectos que corroboram a elementos da narrativa machadiana.

A cartomante aos olhos de Lima

Em sequência temporal, há o conto de mesmo título, de Lima Barreto, dado a lume originalmente em 1910, na revista cívico-literária “Ordem e Progresso”, que pertencia a um núcleo de distintos oficiais inferiores (Schwartz, 2017). O autor é pertencente à escola literária que antecede o Modernismo, no período entre 1902 e 1922. Lima é tido como uma das vozes mais tenazes e críticas do século XX. Assim como Machado, era possuidor de uma escrita que tanto relatava, como enfrentava a sociedade de sua época.

Em sua obra *A cartomante*, o autor apodera-se da perspectiva de um consulente que, utilizando-se dos anúncios nos periódicos, escolhe uma delas para realizar uma consulta, esperando receber como resposta a resolução de seus problemas. O registro que Lima propõe a esta personagem descortina características comuns às pessoas que buscam cartomantes, a fragilidade, a desesperança, e uma espécie de associação direta a forças oriundas de algum mal alheio.

Lima apresenta um homem que se encontra desempregado e em estado de má sorte, conseguindo a subsistência de si e dos filhos através dos trabalhos externos de costuras executados por sua esposa. O protagonista, supondo que a origem de seus infortúnios seria obra de algum tipo de feitiçaria, passa a crer que o mesmo mal que lhe

²⁰ O Romantismo no Brasil privilegiou o nacionalismo e o indianismo. Os temas mais explorados pelos escritores desse momento são: natureza, sentimentalismo, religiosidade, ufanismo e nacionalismo.

foi feito, poderia ser desfeito: “A certeza, porém, de que todas as suas infelicidades vinham de uma influência misteriosa, deu-lhe mais alento. Se era “coisa feita”, havia de haver por força quem a desfizesse” (BARRETO, 2020, p. 233). Escolhe, com tal intuito, Madame Dadá, cuja identidade desconhece, mas logo se seduz pelas promessas de seus serviços, inflando de expectativas, deduzindo que aquela consulta era a chave para a solução de seus problemas: “O mistério ia desfazer-se e o malefício ser cortado. A abastança voltaria à casa”(BARRETO, 2010, p. 234).

A personagem de Lima incorpora um estado de crença que antecede a consulta, e o motivo tem a ver com os outros serviços associados que a cartomante anuncia. Sua intenção não é somente a de desvelar o futuro, mas a de se beneficiar dos outros dons, relacionados à feitiçaria oriunda de religiões afro-brasileiras. No entanto, no momento do encontro com a oraculista, quem se mostra por trás das cartas é sua esposa, a própria cartomante.

A Cartomante Clariceana

Por fim, trago Clarice Lispector, autora da terceira geração modernista, o pós-modernismo, que publicou em 1977 seu último romance, *A Hora da Estrela*. No enredo, a personagem Macabéa, moça nordestina, vai sozinha tentar a vida no Rio de Janeiro. Já com muitos dissabores até ali vividos, da pobreza ao desamparo da orfandade e à condição de migrante, resolve consultar uma cartomante, após o conselho de uma conhecida. Madama Carlota a recebe em sua residência e, antes de dar início à leitura, narra à jovem os percalços de sua vida, estabelecendo vínculos através da conversa, conquistando a confiança da protagonista. A heroína de Clarice tinha a mesma ambição e o desejo de saber seus desígnios como os personagens dos contos anteriores, mencionados neste artigo, talvez, até mais que os outros, como assim descreveu a autora: “Macabéa separou um monte com a mão trêmula: pela primeira vez ia ter um destino” (LISPECTOR, 1977, p.79).

De modo semelhante a cartomante machadiana, a de Clarice também atenua os desassossegos de sua consulente. Madama Carlota oferta-lhe promessas de uma renovação tamanha que a personagem assente a leitura da seguinte maneira “Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida” (LISPECTOR, p.98). Macabéa sai do consultório divinatório em êxtase, pronta para receber e viver o destino que lhe havia sido confirmado nos dizeres da autora: “Uma pessoa grávida de

futuro” (LISPECTOR, p. 82). No entanto, ao sair e atravessar a rua é atropelada por um carro; assim como em Machado, a predição não se concretiza.

A Cartomante nas páginas literárias

As três narrativas aqui trazidas, apesar das distinções, exprimem elementos semelhantes entre si, não somente no que tange à conduta das cartomantes, mas em todo o procedimento, o antes, a busca, o estado dos personagens, a causa que os move, e o que acontece após o encontro. As personagens de Machado, procuram a cartomante em estados e por motivações diferentes; desde o princípio do conto, Rita estabelece relação mais próxima e de confiança com a cartomante, mas também ao que ela atribui como mistério, assim assentido: “Disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita” (ASSIS, 1983, p. 73).

Porém, ao contrário de Rita, o personagem Camilo reage com ceticismo ao entrar na residência da cartomante. Sua decisão, ao ser tomada, em consultar a cartomante, não é mais fundamentada no mesmo pensamento racional e cético de antes, é movido por uma angústia diferente da de Rita. O que o incomoda é não saber que assunto Vilela trataria com ele, o suficiente para aflorar-lhe a curiosidade.

Nos dois casos, o não saber e a ânsia são motivadores que levam as personagens a crerem na comunicação com o mistério, tendo a cartomante como ponte. Segundo Maia (2023), essa busca pela cartomancia denota a complexidade que se instaura à época:

A figura da cartomante encarna a preocupação de intelectuais, médicos, religiosos e das autoridades durante o final do século XIX. Machado evidencia que tanto o deslumbramento de Rita quanto a contradição de Camilo ao visitar a cartomante são aspectos relevantes para compreender a dimensão da influência de tais práticas no cotidiano da cidade (MAIA, 2003, p. 67).

Algo de congênere ocorre à personagem de Lima Barreto, porém, a angústia da personagem é oriunda de um pensamento sobre a má sorte que lhe atinge, como se fosse consequência de algum trabalho espiritual proveniente das religiões de matriz africana: “Adquirira a convicção de que aquela sua vida vinha sendo trabalhada pela mandinga de algum preto mina” (BARRETO, 2020, p. 233).

Sob este raciocínio, o protagonista se dirige à cartomante, crendo que seu mal pode ser removido. Nos jornais, elege a candidata que, além de poderes divinatórios, apresenta características que servissem ao que ele precisava. A cartomante se apresenta

assim: “Madame Dadá, sonâmbula, extralúcida, deita as cartas e desfaz toda espécie de feitiçaria, principalmente a africana. Rua etc.” (BARRETO, 2020, p. 233).

Convém destacar que o julgamento do protagonista em relação às religiões de matriz africana decorre do contexto histórico, cujos saberes eram considerados inferiores e representavam ameaça à norma vigente, sem levar em conta o processo de colonização, e que os ex-escravizados mantinham vários de seus hábitos culturais.

Em verdade, a cultura brasileira em sua totalidade é entremeada pela herança africana, ainda que, institucionalmente, a sociedade, através do Estado e também da Igreja se posicione em recusa desta identidade. No entanto, Schwarcz (2017) aponta para um olhar menos restrito, isto é, aludindo à consciente ambiguidade do autor:

[...] o escritor devia querer afirmar-se, nesse momento, como voz crítica e cética. [...]. Brincando com os preconceitos de época, ele inclui a cor (preta) e a prática (da mandinga) como elementos definidores dos grupos e costumes considerados avessos à ciência, mas mostra como, no limite, nada se restringia a apenas um grupo social (SCHWARCZ, 2017, p. 298).

O imaginário popular da Cartomancia

Através destas três narrativas pode-se identificar os estigmas que cercam a cartomancia no decorrer de três períodos históricos distintos e que ressoam ainda na atualidade. Observamos que não somente as cartomantes, mas igualmente aqueles que estão na condição de consulentes, são caracterizados por meio de estereótipos.

A exemplo das personagens, é perceptível que a forma como são representadas designam pessoas que não aparentam estar em um estado de consciência e racionalidade, como se a procura por respostas na cartomancia fosse resultado de uma credulidade não embasada em um pensamento ponderado. Faz-se notável que o consulente, na figura de um homem, é um acontecimento que se dá em um estado de agonia. Afinal, um homem só recorreria a tais serviços se estivesse apartado da razão, em condição de patente desespero; é o que ocorre com Camilo, personagem machadiano e com a personagem criada por Lima Barreto. Não obstante, essa caracterização de imprudência e insensatez são aspectos comumente atribuídos às mulheres.

Rita e Macabéa são colocadas nesta posição simplória, de inexperiência, não dispõem de um entendimento mais ajuizado diante dos conhecimentos mundanos, logo, mais afeitas às ludibriações, numa evidente aura de ingenuidade. Rita, nos ditos de Machado, era formosa e tonta; Macabéa, por sua vez, é descrita como alguém “incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava

conhecimento da espécie que tinha de si em si mesma”. (LISPECTOR, 1977, p. 33). Clarice reforça em toda a obra características que depõem para essa percepção de inocência comungada à ignorância da personagem: “Era à mercê e crente como uma idiota” (LISPECTOR, 1977). Ambas as mulheres – Rita e Macabéa – são trazidas a esta demarcação que as condiciona à credulidade, ainda que dadas às devidas distinções.

O detalhe narrativo de consulentes e cartomantes serem mulheres ressoa em quesito histórico, pois, na abordagem de Maia (2020), a cartomancia emprega uma função de sociabilidade direta entre mulheres, perpassada especialmente por fatores como maior confiabilidade e discrição quanto ao conteúdo que seria descrito, além de suas possíveis similitudes:

A cartomancia permite que cartomantes e mulheres consulentes estabeleçam relações que envolvem gratidão, a eficiência dos serviços prestados e, especialmente, um local de escuta e aconselhamento onde atuam outras mulheres, que por estarem imersas em problemáticas mais ou menos semelhantes àquelas das que as procuram, teriam mais propriedade para orientar o público feminino (MAIA, 2020, p. 10).

Sendo possível conjecturar que é o público feminino que mais frequenta cartomantes. No entanto, se de um lado as consulentes que buscam as cartas são descritas como ingênuas, as cartomantes são definidas como ardilosas. Observando os estereótipos utilizados pelos autores, é possível constatar estigmas que se aglutinam a específicas identidades sociais, sendo um demarcador comum o gênero. É válido comentar que estereótipos imputados a mulheres recorrem a padrões que são explorados de forma costumeira.

Considerando que as mulheres são alocadas em sentidos e definições conferidos impositivamente na historicidade cultural, os papéis sociais femininos, que presumivelmente são aceitos em sociedade, as delegam ao âmbito do doméstico e da maternidade, desprezando a pluralidade da existência feminina. Pode-se aferir que estes aspectos brotam do pensamento ocidental, como postula a pesquisadora Silvia Federici:

As mulheres não poderiam ter sido desvalorizadas enquanto trabalhadoras e privadas de toda sua autonomia com relação aos homens se não tivessem sido submetidas a um intenso processo de degradação social; e, de fato, ao longo dos séculos XVI e XVII, as mulheres perderam terreno em todas as áreas da vida social. Uma destas áreas-chave pela qual se produziram grandes mudanças foi a lei. Um dos direitos mais importantes que as mulheres perderam foi o de realizar atividades econômicas por conta própria, como *femmes soles* (FEDERICI, 2017, p. 199).

Ora, a atuação das mulheres cartomantes não se adequa a este modelo, é uma prática desviante, pois confere-lhes agência profissional, gerando renda, e ainda se relaciona a certas religiosidades em desacordo com a norma cristã fundante. De forma

que, ao refletir essa atuação, percebemos como as conceituações da época favoreceram estereótipos e estigmas. Ao identificar a cartomancia como prática mágico-religiosa e utilizada como ofício, a construção narrativa dos autores revela-se como sustentáculo e perpetuação destes aspectos no imaginário popular. Este uso discursivo abre a via de interpretação da mulher cartomante como beneficiária única da prática que realiza.

Gilbert Durand (2002), aborda o imaginário em conexão ao simbólico e arquetípico, configurando-o a partir de estruturas antropológicas que se reproduzem, concebendo ação simbólica, admitindo que abastece a relação entre a subjetividade e objetividade, entre o que é assimilado e o que surge do meio objetivo, “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 2002, p. 41).

Tal entendimento serve a este estudo ao compreender que a função simbólica é conferida a elementos da realidade objetiva para a construção de sentidos dos indivíduos. Podemos, assim, observar que os discursos que delineiam o imaginário das cartomantes decorrem de tal fenômeno, haja vista que, segundo Gilbert Durand (2002), o imaginário intermedia a racionalidade pragmática e o que é subjetivo.

Os contos de Machado e de Lima, revelam uma característica frequente da pesquisa sobre as cartomantes, o uso dos estrangeirismos como signo validador dos serviços ofertados, além de manifestar um aspecto também conciso neste estudo, mulheres que usam a cartomancia como forma de auto delegação de poder simbólico:

Nota-se como elementos tais quais o estrangeirismo, o ceticismo e o racionalismo, que se apresentam como basilares nos acontecimentos e experiências das cartomantes na Corte também se apresentam de forma basilar na personagem cartomante do conto de Machado de Assis. A construção da cartomante machadiana demonstra de maneira clara a ressonância das percepções de Machado de Assis com o contexto da cartomancia na Corte tanto no momento de lançamento do conto, em 1884, quanto no tempo literário onde se desenvolve a trama, o ano de 1869 (MAIA, 2023, p. 70).

Nas páginas dos jornais que veicularam anúncios de serviços de cartomancia, podia-se ler também críticas aos frequentadores, vistos como “gente de espírito fraco”, “cérebros mórbidos” (DEL PRIORE, 2014). Novamente, nas palavras de Lima Barreto, a cartomancia se mostrava como temática que não se esgotava, Lima escreveu crônicas e críticas não somente às cartomantes, mas a toda uma classe de ofícios que fundamentaram alguma ordem de saberes e crenças religiosas como forma de trabalho:

A cartomancia entrou decididamente na vida nacional. Os anúncios dos jornais todos os dias proclamam aos quatro ventos as virtudes miríficas das pitonisas. Não tenho absolutamente nenhuma ojeriza pelas adivinhas; acho até que são bastantes úteis, pois mantêm e sustentam no nosso espírito essa coisa que é

mais necessária à nossa vida que o próprio pão: a ilusão. O melhor, para o interesse dessa nossa pobre humanidade, sempre necessitada de ilusões, venham de onde vier, é que as nossas cartomantes vivam em paz e se entendam para nos ditar bons horóscopos (BARRETO, *Jornal Correio da Noite* 26/12/1914).

E ainda:

Outra coisa que me surpreende, na leitura da seção de anúncios dos jornais, é a quantidade de cartomantes, feiticeiros, adivinhos, charlatães de toda a sorte que proclamam, sem nenhuma cerimônia, sem incômodos com a polícia, as suas virtudes sobre-humanas, os seus poderes ocultos, a sua capacidade milagrosa. Neste jornal, hoje, há mais de dez neste sentido. Vou ler este, que é o maior e o mais pitoresco. Escuta: “Cartomante — Dona Maria Sabida, consagrada pelo povo como a mais perita e a última palavra da cartomancia, e a última palavra em ciências ocultas; às excelentíssimas famílias do interior e fora da cidade, consultas por carta, sem a presença das pessoas, única neste gênero — máxima seriedade e rigoroso sigilo: residência à rua Visconde de xxx, perto das barcas, em Niterói, e caixa postal número x, Rio de Janeiro. Nota: — Maria Sabida é a cartomante mais popular em todo o Brasil”. Não há dúvida alguma que essa gente tem clientela; mas o que julgo inadmissível é que se permita que “cavadoras” e “cavadores” venham a público, pela imprensa, aumentar o número de papalvos que acreditam neles. É tolerância demais (BARRETO, 1953, p. 9)

Assim como surgiram avisos de outros editores expressando precaução, e alertando indivíduos que se interessassem por tais práticas:

Profecias e adivinhações sempre “malignas e mentirosas” geravam problemas dentro das famílias. E o editorialista cravava: “As cartomantes são mais perigosas do que os curandeiros”. Os primeiros estragavam a saúde, e elas corrompiam o espírito, deixando seus clientes medrosos e inseguros. O antídoto era o “aperfeiçoamento intelectual” da população. Só ignorantes – e no Brasil havia muitos, segundo o editorial – caíam em tais credices. Os jornais *O Apóstolo* e *Carbonário* também empreenderam verdadeira campanha contra a cartomancia na década de 1880. O segundo pedia aos leitores que evitassem “tais consultas”, “pois, além de exploradoras”, as profissionais eram “perigosas”! E o primeiro criticava a polícia, mais indulgente com cartomantes do que com os cultos africanos. “Será porque eram bonitas? ”, perguntava-se o articulista (DEL PRIORE, 2014, p. 85).

Tais enunciados de repressão, nesta conjuntura, se justificam ao considerarmos que no Código Penal brasileiro de 1890 constava condenação à prática de cartomancia entre outros sortilégios:

“Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

§ 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das faculdades psychicas:

Penas - de prisão celllular por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000.

§ 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercicio da profissão por tempo igual ao da condemnação, incorrerá o medico que directamente praticar qualquer dos actos acima referidos, ou assumir a responsabilidade delles.

Art. 158. Ministrarr, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer fôrma preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado curandeiro:

Penas - de prisão celllular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

Paragrapho unico. Si o emprego de qualquer substancia resultar á pessoa privação, ou alteração temporaria ou permanente de suas faculdades psychicas ou funcçõesphysiologicas, deformidade, ou inhabilitação do exercicio de órgão ou aparelho organico, ou, em summa, alguma enfermidade:

Penas - de prisão celllular por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000.

Si resultar a morte:

Pena - de prisão celllular por seis a vinte e quatro anos (DECRETO Nº 847, de 11 de outubro de 1890).

A descrição feita por Lima no conto, corrobora com os estigmas concedidos a pessoas negras e cultos de religiosidades afro-brasileiras, no qual se delimitam atribuições marginalizadas coligadas às culturas racializadas, detalhe considerável, pois denota que no Século XX, a cartomancia, antes uma prática europeia, funde-se a outras práticas mágico-religiosas, como as de cultos afro-brasileiros.

Tal fusão também é narrada por João do Rio (1905) em crônicas advindas de visitasões ao que ele denominou “Templos do Futuro”. O autor percebeu a ampla diversidade cultural no labor de mulheres cartomantes, juntando à prática sob as características europeias elementos da interculturalidade brasileira:

[...] a observação nessas casinholas é incolor. Fica-se entre os feitiços dos minas e a magia medieva, numa atmosfera de burla. [...] Uma delas recebe velas de sebo, terminada a consulta; outras, peças de chita. A turba dá-lhes dinheiro, e sussurra os seus segredos nos ouvidos dessa gente que são como abismos de discreto silêncio (RIO, 1905, p. 158.)

O estudioso João do Rio (1905) ao entrevistar uma das famosas cartomantes da época, ela lhe confidencia: “depois apareceram as variações espíritas, os adivinhos que montavam casinholas receosas, reunindo ao estudo das cartas? a necessidade dos despachos africanos. Uma crendice! ” (RIO, 1905, p. 161). Diante desses relatos, defrontei-me, então, com vínculos de distintas culturas, é válido lembrar que neste contexto histórico, início do século XX, transcorrem processos significativos no âmbito

religioso brasileiro, me refiro ao desenvolvimento da Umbanda, culto que segundo Luiz Antônio Simas (2021) comunga pluralidades vastas:

Uma concepção de umbanda que abraça o mito das três raças formadoras da identidade nacional, dentro de uma perspectiva marcada por certa ideia de mestiçagem hierarquizada, em que a cultura europeia depura os elementos indígenas e africanos de suas características primitivas e os insere em um processo evolutivo no caminho da legitimidade social e do que se imagina ser a civilização. [...] As umbandas são muito mais o resultado de contatos diversos, circularidades culturais e entrecruzos que se codificam de múltiplas formas (SIMAS, 2021, p. 17 e 19).

Na narrativa de Clarice, a mais recente entre as três aqui estudadas – que a saber, era dada a se consultar com cartomantes, frequentava terreiros e participou do primeiro Congresso Mundial de Bruxaria na Colômbia em 1975 –, é viável restituir a ascendência de crenças e práticas neo-esotéricas dos idos dos anos 1970. A cartomancia alcançava outros espaços neste período, com o levante proveniente do Movimento Nova Era, termo empregado para designar um amplo conjunto de expressões da Contracultura, incluindo uma gama de conhecimentos e formas de religiosidades e misticismos.

A prática oracular se insere neste circuito e tem sua popularidade continuada em meio a outras atividades. Esta influência se mantém sequente, dos anos noventa até o período atual, como admitido por Magnani (1999) em seu estudo que se aprofunda nas práticas neo-esotéricas em proeminência:

Abrange a legião de cartomantes, videntes, “sensitivas”, quiromantes, e até pais e mães-de-santo, ekédís e ogãs que jogam búzios. São práticas oferecidas e encontradas em todo o espaço da cidade por uma rede informal de circulação de informações que inclui principalmente folhetos, simples cartões de visita deixados em painéis de avisos de centros maiores, “por ouvir dizer”, recomendação de amigos (MAGNANI, 1999, p. 28).

As cartomantes de Machado e Clarice enunciam em suas leituras acontecimentos que, pela precisão e rapidez das ocorrências seguintes, sabemos que não irão se concretizar, no entanto a ficção de Clarice deixa um pequeno trocadilho, a previsão da cartomante anunciava que a vida de Macabéa seria abrilhantada com a vinda de um gringo aloirado, no que a personagem morre atropelada por um Mercedes Amarelo, carro alemão, vestígio possível de que Clarice conhecia o teor da linguagem simbólica com qual as cartas se comunicam. A Madame Dadá, de Lima Barreto, contudo, nos mostra o engano estabelecido de forma menos fatal, mas ainda trágica, pois se dá na identidade da cartomante, esposa do protagonista, deixando implícito que não corresponde aos talentos que anuncia.

Desse modo, tomando estas representações ficcionais como observação, salienta-se que o imaginário que recai sobre as cartomantes é, em suma, composto de associações de credos em misticismo, charlatanismo, além da imagem ambígua da mulher, que ora se apresenta por ingenuidade carecendo de proteção, ora conota malícia no uso de artifícios perigosos, tal visão demonstra que a natureza da mulher é definida pelo ideário da época, recorrente controlado por uma perspectiva masculina.

Diante das considerações, é imprescindível notar que o imaginário que reincide sobre as cartomantes acompanha a trajetória deste fazer até o período atual. Entendendo a cartomancia como prática que resiste entre a estima e a repressão nestes cenários. As cartomantes, então, definindo-se como praticantes, encontram-se nestas esferas em que contrastam interesse e repressão.

Considerações finais

Através da leitura comparativa e correlata e da contextualização histórico-social assimila-se que a imagem da cartomante surge na literatura como identificação e expressão do fenômeno de pluralismo social e espiritual. Os estigmas a que essas mulheres estão sujeitas, que dizem sobretudo de associações a um comportamento ardil, pelo elemento que entrelaça as três histórias ser principalmente, o engano.

Fator que entrecruza os limites da crença, do ceticismo, elementos estes que se apresentam na sociedade de maneira a se conectar com a manifestação oracular, seja pela via de criticá-la ou adotá-la como forma de conexão. Em tais conjunturas, mulheres cartomantes encontraram um meio de expressar autonomia por elementos deste contexto ao ocuparem um ofício que lhes permitia auto delegação de poder simbólico.

Destaca-se que elas utilizam recursos para gerar maior interesse, à época com a crescente de elementos culturais importados da Europa, a auto intitulação com estrangeirismos funcionava como uma forma de poder capital, que ao decorrer dos anos se altera para aproximações com a cultura afro-brasileira e cultura esotérica, dois *locus* nos quais a cartomancia irá se agregar e encontrar expansão.

Assim, quando refletimos que as narrativas utilizam elementos como romance e feitiçaria para motivar a procura por cartomantes, fica implícito que recorrem a arquétipos de questões de gênero, raciais e de manifestações do campo religioso e social.

Importante ressaltar que os estereótipos empreendidos pelos autores se configuram como registro do pensamento coletivo difundido nos últimos séculos ao generalizar tais práticas e suas atuantes, privilegiando paradigmas que disseminam

sentenças sociais, em especial, a fazeres majoritariamente desempenhado por mulheres e certas religiosidades em perspectivas sociais desviantes.

Tais expressões se mostram em contínua adaptação e provocam relevantes debates acerca da cartomancia, e de como mulheres forjam suas autonomias diante de períodos históricos que perpetuam concepções que as deslegitimam até o tempo vigente.

FONTES

Correio da Noite. Rio de Janeiro, 14/12/1914 – 13/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

BARRETO, Lima. Correio da Noite. Rio de Janeiro, 26/12/1914. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Referências

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **“A Cartomante”**. In. **A Cartomante e outros Contos**. São Paulo: Editora Moderna, 1983. Originalmente publicado em 1884 no jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro.

BARRETO, Lima. **“A Cartomante”**. In. **“Contos Completos/ Lima Barreto; organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Originalmente publicado em 1910 na revista cívico-literária “Ordem e Progresso”

BARRETO, Lima. **Feiras e Mafuás**. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1953.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado – A história do sobrenatural e do espiritismo**. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2014.

DURAND, Gilbert. 2002. **As estruturas antropológicas do imaginário: Introdução à arquetipologia geral**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

MAIA, Kathleen. O. **Mercadoras do sobrenatural: um estudo sobre mulheres cartomantes no Rio de Janeiro Imperial (1860-1869)**. Rev. Hist. UEG - Morrinhos, v.9, n.2, jul./dez. 2020.

MAGNANI, José Guilherme C. **Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade** /São Paulo: Studio Nobel, 1999. — (Coleção cidade aberta)

MAIA, Kathleen. O. **A SACERDOTISA, O MUNDO E A RODA DA FORTUNA: Uma análise sobre mulheres e cartomancia no Rio de Janeiro (1860-1890).** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) 2023.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SIMAS, Luiz Antonio, **Umbandas: uma história do Brasil.** - 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

RIO, João do. **As Religiões do Rio.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2015 [1905].

SOBRE AS AUTORAS

Dayane Ferreira da Silva

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Integrante do Grupo de Arte, Religião e Memória (ARTEMI) e do Grupo de Estudo Religiões de Matriz Africana na Amazônia (GERMAA). Desenvolve estudos e pesquisas nas áreas de Ciências da Religião, Antropologia da Religião, em especial nos temas de Religiosidade Popular, Práticas Mágico-Religiosas e Imaginário. Autora do livro de poesia "Desaguamentos de Cunhã", Editora Escaleras (2018).

E-mail: dayferrie@gmail.com

Taissa Tavernard de Luca

Doutora em Ciências Sociais (UFPA). Mestre em Antropologia (UFPE). Graduada em História (UFPA). Atualmente é Professora efetiva da Universidade do Estado do Pará, onde atua nos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais, Ciências da Religião, História e Filosofia. Ocupa a Cadeira de número 2 do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. É sócia benemerita da Federação Espírita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado do Pará. É professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA. Compõe o Comitê de Laicidade e Democracia da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Tem experiência na área de Antropologia e educação, com ênfase em Religião Afro-Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: religião afro-brasileira, antropologia, ciências da religião, memória, intolerância religiosa, educação intercultural e saberes não escolares.

E-mail: taissaluca@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4100-3008>

Recebido: 27/05/23

Aprovado: 12/06/23